



ISSN 1984-5634

RESENHA

WONDERLAND, A TERRA DE WALT DISNEY E PINK FLOYD: ESTUDO SOBRE A CULTURA DE MASSA NOS SÉCULOS XX E XXI

*Wonderland, land of Walt Disney and Pink Floyd: study
about the mass culture in the XX and XXIst centuries*

LUCA LIMA IACOMINI*

Resenha de: BANTI, Alberto Mario. *Wonderland*. La cultura di massa da Walt Disney ai Pink Floyd. Roma-Bari: Laterza, 2019.

EDITOR-CHEFE:

Vicente da Silveira Detoni

EDITORA-GERENTE:

Renata dos Santos de Mattos

SUBMETIDO: 28.02.2021

ACEITO: 25.03.2022

Alberto Mario Banti é historiador e professor de História Contemporânea na Università di Pisa. É autor de livros que tratam, sobretudo, da história europeia, com ênfase na Itália. Alguns temas que ganham destaque na obra do autor são o *Risorgimento* e o fascismo. O livro analisado pela presente resenha, *Wonderland. La cultura di massa da Walt Disney ai Pink Floyd*, publicado pela primeira vez em 2017, trata de um fenômeno fundamental para a compreensão da história do Ocidente contemporâneo: a cultura de massas, idealizada pelos Estados Unidos mas transmitida para o restante do Ocidente, durante os séculos XX e XXI.

Wonderland é o nome dado ao autor para a terra dos romances, do rádio, do cinema, da televisão, daquilo que conhecemos como cultura de massas, que também envolve a cultura popular. No entanto, ela não está resumida àquilo que o autor chama de “cultura de massa *mainstream*”. Fazem parte desse universo os produtos culturais também ligados a grupos de revoltas sociais (como o movimento pelos direitos civis) e os grupos que integram as subculturas (como os *teddy boys*, os *hippies*, os surfistas e a geração *beat*). Isso porque a própria cultura social passa a ser integrada ao mercado de massa.

COMO CITAR:

IACOMINI, L.L. *Wonderland, a terra de Walt Disney e Pink Floyd: estudo sobre a cultura de massa nos séculos XX e XXI*. *Aedos*, v.14, n.32, p.309-313, jul.–dez., 2022.

<https://seer.ufrgs.br/aedos/>

* Mestrando em História pela Universidade Federal do Paraná, com bolsa CAPES-DS. ORCID iD: 0000-0002-1707-8117. E-mail para contato: iacomini.luca@gmail.com.

O livro é dividido em duas partes. Na primeira, *Over the Rainbow*, composta por seis capítulos,¹ o autor discorre sobre a criação do mundo idealizado de *Wonderland*, definindo conceitualmente o que é a cultura de massa e quais as suas origens e desdobramentos em seus mais variados veículos – cinema, quadrinhos, música, cultura juvenil etc.

Já na segunda seção, *The Times They Are a-Changin'*, também formada por seis capítulos,² é contada a história a partir dos anos pós-Segunda Guerra Mundial com o surgimento de tendências contraculturais que mais tarde integram a cultura *mainstream*. Em seguida, o autor desenvolve os elementos que levaram à caracterização moderna da arte e do entretenimento de massas dos dias de hoje.

Banti define cultura de massa como

um sistema de produção e circulação de informações e narrativas transmitidas através de uma série de mídia (jornais, livros, imagens, filmes, músicas, canções), pensadas como instrumentos de informação e entretenimento para pessoas mediantemente cultas e com disponibilidade de renda relativamente baixa (BANTI, 2019, p. 6-7)³.

O autor não deixa de afirmar que há interesses por trás da produção deste conteúdo, que forma aquilo que conhecemos por indústria cultural. Apesar disso, a história desses meios culturais não pode ser resumida apenas a essa indústria. O rádio, por exemplo, foi criado no começo do século XX, com finalidade inicial de usos militares na Grande Guerra. Imediatamente após a Guerra tirinhas eram incluídas nos jornais estadunidenses. Foi em 1938, no entanto, que a primeira revista com história em quadrinhos foi publicada: era a *Action Comics*, criada por Jerry Siegel e Joe Shuster e protagonizada pelo personagem Superman, que serviria como modelo para os próximos que seguiriam seu estilo, os chamados super-heróis.

Sobre as produções culturais *mainstream*, Banti afirma que, mesmo com a diversidade de gêneros narrativos, as histórias têm tendência de repetitividade. Isso se deve ao fato de que os elementos em cada uma dessas histórias tendem a se repetir: nos filmes, a dualidade entre os vilões e mocinhos, cada um representando valores morais diferentes; na música pop, o amor romântico como um tema sempre recorrente.

Sobre os tipos de narrativas nos produtos de *Wonderland*, Banti destaca algumas formas, sendo a primeira delas encontrada no filme *O Mágico de Oz* (1939):

um herói deve se afastar de casa para enfrentar uma viagem perigosa, em que deve combater um ou mais inimigos, ajudado por um ou mais companheiros, para procurar um objeto ou realizar uma ação que lhe permita finalmente voltar para casa trazendo consigo benefícios para si e para sua comunidade de pertença (BANTI, 2019, p. 27)⁴.

1 Os títulos da seção chamam-se: “Industria culturale e cultura di massa”, “Narrazioni mainstream”, “Contranarrazioni in musica: blues, hillbilly, folk”, “Un mondo giovane e inquieto”, “Prove di normalizzazione” e “Popular music”.

2 Seguem os títulos dos capítulos: “Rock and roll”, “Beat generation”, “I Want to Hold Your Hand”, “Feed Your Head!”, “Suoni e parole del rock” e “L’allineamento dei pianeti”.

3 Tradução livre. No original: “un sistema di produzione e circolazione di informazioni e narrazioni trasmesse attraverso una serie di media (giornali, libri, immagini, film, musiche, canzoni), pensati come strumenti di informazione e di intrattenimento per persone mediantemente colte e con disponibilità di reddito relativamente contenute”.

4 Tradução livre. No original: “un eroe deve allontanarsi da casa per affrontare un viaggio pericoloso, in cui deve combattere uno o più nemici, aiutato da uno o più compagni, per procurarsi un oggetto o compiere un’azione che gli consenta di tornare finalmente a casa, recando con sé dei benefici per se stesso e per la sua comunità di appartenenza”.

O autor também fala sobre a estrutura narrativa de histórias heroicas, em que algo ou alguém ameaça determinada comunidade, que deve ser salva por um herói altruísta para que as coisas voltem à normalidade. Apesar de destacar essa narrativa na animação *Os Três Porquinhos* (1933), dos estúdios Disney, Banti discorre sobre os aspectos que compõem as narrativas de super-heróis, trazendo como exemplo o tipo-ideal proposto pelo personagem Superman: mesmo representando um homem imortal, invencível e ético, “Superman, na verdade, se esconde sob a identidade de Clark Kent, um jornalista desajeitado, sem fascínio viril e inutilmente apaixonado pela colega Lois Lane, a qual, por sua vez, é infelizmente apaixonada por Superman” (BANTI, 2019, p. 37)⁵. O padrão é repetido no caso da personagem Mulher Maravilha na relação entre Diana Prince e Steve Trevor. Parecido com o desfecho das histórias heroicas, os suspenses também terminam com a punição do criminoso e interrupção de ações criminais. Em geral, quem resolve o problema é o detetive, mas por vezes essa figura aparece no policial.

Musicais, animações, radionovelas e comédias românticas, por sua vez, apresentam a seguinte estrutura narrativa:

um jovem gosta de uma moça (ou vice-versa) mas o comprometimento que eles desejam é impedido por um obstáculo (a oposição de um familiar, um erro, uma incompreensão entre os dois que esconde na realidade uma forte atração), a fim de que, no final, o impedimento seja superado, os antagonistas derrotados, o equívoco dissipado, a incompreensão cancelada e os dois corações podem finalmente “viver para sempre felizes e contentes” (BANTI, 2019, p. 43)⁶.

Após levar em conta as descrições sobre as narrativas *mainstream*, o autor também aborda as contranarrativas na música, citando especificamente os casos dos estilos *blues*, *hillbilly* e *folk*. Banti inclui esses estilos como contranarrativas pelo fato de o *blues*, assim como outros estilos como o *jazz* e o *gospel*, estar ligado às comunidades afroamericanas, pelo fato de o *hillbilly* buscar tentar levar para a música a essência do espírito rural e branco, e pelo *folk* emergir com posições políticas, trazendo à tona questões engajadas.

A esses aspectos o autor também acrescenta a padronização social estadunidense nos anos 1930 e 1940 na cultura juvenil. Banti afirma que o próprio acesso à educação já era restrito; a permanência dos jovens em instituições de ensino – sejam colégios ou universidades – dependia da posição social de suas famílias. Ademais, a formação de grupos com o qual esses jovens convivem era formado a partir de origens étnicas, classes sociais ou confissões religiosas que eles tivessem em comum. Já nesse aspecto se encontram também os padrões de gênero que deveriam ser seguidos para os que quisessem ser populares:

para que um rapaz com origem social boa seja também popular, deve ser de aspecto agradável, deve ser um atleta de sucesso e deve ter um carro. Já para as moças, é importante que sejam queridas e vestirse de maneira adequada, fazer parte do grupo de *cheerleaders*, ter uma personalidade positiva e boa reputação (BANTI, 2019, p. 132)⁷.

5 Tradução livre. No original: “Superman, infatti, si cela sotto l’identità di Clark Kent, un giornalista imbranato, privo di fascino virile e inutilmente innamorato della collega Lois Lane, la quale, a sua volta, è infelicemente innamorata di Superman”.

6 Tradução livre. No original: “un giovane vuole una ragazza (o viceversa), ma il compimento del loro desiderio è impedito da un ostacolo (l’opposizione di un familiare, un equivoco, una incomprendione tra i due che nasconde in realtà una forte attrazione), finché, alla fine, l’impedimento viene superato, gli antagonisti sbaragliati, l’equivoco dissipato, le incomprendioni cancellate e i due cuori innamorati possono finalmente ‘vivere per sempre felici e contenti’”.

7 Tradução livre. No original: “affinché un ragazzo con l’estrazione sociale giusta sia anche popolare, deve essere di aspetto piacevole, deve essere un atleta di successo e deve avere la macchina. Per le ragazze, invece, è importante essere carine e vestite nel modo giusto, far parte del gruppo delle cheerleader, avere una personalità positiva e una buona reputazione”.

Banti destaca os posicionamentos ideológicos dos filmes hollywoodianos. Durante a Segunda Guerra Mundial, o cinema fez parte do Escritório de Informação de Guerra, que se empenhou em apoiar o exército estadunidense e atacar rivais. Na Guerra Fria, a produção anticomunista não ficou de lado. Foi também nesse último contexto que os ambientes escolares passaram por adaptações, no momento em que diferentes grupos étnicos e sociais começaram a integrá-lo. Isso causou medo nas elites de uma subversão dos bons costumes juvenis na classe média. Assim, as empresas cinematográficas foram encarregadas de produzir filmes criticando um comportamento ligado a certa delinquência juvenil. No entanto, em vez de afastar os jovens desse tipo de comportamento, filmes como *O Selvagem* (1953) e *Juventude Transviada* (1955) acabaram por popularizar esse estilo. A produção *Sementes de Violência* (1955) dá destaque a um novo estilo musical que, embora estivesse popular, ainda não estava consolidado, e acaba por se tornar o mito de fundação do gênero conhecido como Rock and Roll (r'n'r). Segundo o autor, “O r'n'r fala de experiências que muitos adolescentes americanos conhecem muito bem: a irritação pela escola, as corridas de carro, o amor de adolescente” (BANTI, 2019, p. 247)⁸.

Paralelamente, outro subgrupo começa a aparecer na sociedade: os surfistas. Estes simbolizavam um modo de vida rebelde de fuga da vida escolar para uma vida de liberdade e de aproveitamento da natureza. No entanto, ambos os estilos foram absorvidos pela cultura *mainstream*: o Rock é popularizado tendo Elvis Presley e Chuck Berry como protagonistas do cenário, e o mundo do *surf* tem a banda The Beach Boys como seus porta-vozes. Segundo o autor, o sucesso das narrações estadunidenses, tanto pela cultura *mainstream* como pelos movimentos sociais e contraculturais, chegam até a Europa, especialmente na Inglaterra, em que o principal símbolo da entrada britânica em *Wonderland* é a banda The Beatles. As subculturas juvenis, como *teddy boys*, *hippies*, surfistas, entre outros, permitiram a criação de uma contracultura de massa, que o autor considera como um dos fenômenos mais significativos do século XX.

Banti afirma que essa constelação de culturas juvenis viabilizaram o fim da *Hollywood Renaissance* nos anos 1970, a criação de um novo estilo cinematográfico, já em um contexto de disputas de espaço entre a televisão, o cinema e as rádios:

Essa geografia particular do público explica um processo de importância fundamental na desestruturação da constelação contracultural, que seria o fechamento completo da breve estação da *Hollywood Renaissance*, que ganhou espaço da metade dos anos setenta em diante. Na época, o dono das casas de produção cinematográfica escolheu apostar no entretenimento puro, também em razão do maior impacto que filmes com uma estrutura clássica pareciam exercer novamente sobre o público, graças ao desejo de encontrar um alívio às angústias da crise econômica: os filmes de ação, de ficção científica e fantasia, junto às comédias românticas e aos desenhos animados, dominam novamente o campo (BANTI, 2019, p. 484)⁹.

8 Tradução livre. No original: “Il r'n'r parla di esperienze che molti teenager americani conosco assai bene: la noia per la scuola, le corse in macchina, l'amore adolescenziale”.

9 Tradução livre. No original: “Questa particolare geografia del pubblico spiega un processo di fondamentale importanza nella destrutturazione della costellazione controculturale, ovvero la chiusura completa della breve stagione della Hollywood Renaissance, che ha luogo dalla metà degli anni Settanta in avanti. All'epoca, i manager delle case di produzione cinematografica scelgono di puntare di nuovo sull'intrattenimento puro, anche in ragione del maggior impatto che film con una struttura classica sembrano esercitare nuovamente sul pubblico, complice il desiderio di trovare un sollievo alle angustie della crisi economica: i film d'azione, di fantascienza e fantasy, insieme alle commedie romantiche e ai cartoni animati, dominano nuovamente il campo”.

As páginas utilizadas para essa resenha são pouco para resumir o trabalho de Banti e sua síntese sobre a cultura de massas. A presente resenha chega a deixar alguns temas importantes de lado, como a geração *beat*, a *pop art*, os espetáculos da *Broadway*, as canções natalinas, a obsessão do público por celebridades e a influência do macarthismo na produção cultural. Vale acrescentar que, ao longo do livro, o autor analisa textos, letras de músicas, diálogos de filmes, entre outras fontes que enriquecem a leitura. Até mesmo as telenovelas brasileiras ganham menção no livro.¹⁰ Tudo isso sem deixar de mencionar outros autores que também são grandes referências na área, como Theodor Adorno, Joseph Campbell, Umberto Eco, Walter Benjamin e Henry Jenkins, e também tratando do espectro gênero, raça e classe.

REFERÊNCIAS

BANTI, Alberto Mario. *Wonderland*. La cultura di massa da Walt Disney ai Pink Floyd. Roma-Bari: Laterza, 2019.

¹⁰ “(...) afroamericane o altre minoranze etniche hanno spazi da protagonisti sia nella narrazioni cinematografiche che nei format televisivi (sitcom, soap, spazio specifico in cui, a partire dagli anni Ottanta, debordano le *telenovelas* brasiliane)” (BANTI, 2019, p. 490).